

NEOLOGIA, LEXICOLOGIA E SOCIEDADE

Claudio Cezar Henriques
(UERJ / UNESA)

ALVES, Ieda. *Neologia e Neologismos em Diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010, 291p.

Numa loja de material elétrico de Salvador, uma caixa oferece aos clientes vários plugues coloridos com três entradas, que servem para ligar três plugues de lâmpadas ou aparelhos elétricos. Do lado de fora da caixa, um pequeno cartaz informa o preço daquele tipo de plugue e seu nome: tê! Eu, que sou carioca e moro no Rio de Janeiro, já havia escutado essa palavra em outras cidades e sei que não é comum ouvir as pessoas se referirem a esse tipo de tomada com o nome de “benjamim”, termo que se usa na minha região.

Se formos aos dicionários brasileiros (aqui cito apenas as versões digitais dos dicionários Houaiss, Aurélio e Aulete), encontraremos a explicação de que “benjamim” é um brasileirismo (não localizado regionalmente) e que seu significado é “extensão para tomadas elétricas”, com dois ou três plugues. A mesma informação quanto ao uso como brasileirismo aparece nos dicionários lusitanos que consultei, o da Academia das Ciências de Lisboa (de 2001) e o da Porto Editora (de 2009).

Seu sinônimo popular, o “tê” que está escrito na caixa da loja de Salvador mas que se usa em muitas outras regiões brasileiras, não está dicionarizado com essa acepção. Curiosamente, lê-se (apenas no DHouaiss) a informação de que “qualquer objeto, instrumento, artefato, etc. com a forma dessa letra” pode receber tal denominação, por analogia. O DH é a obra que mais apresenta ocorrências da palavra “tê” como um objeto, instrumento ou artefato, a saber: tipo de parafuso, de régua, de ligadura cirúrgica, de esquadro, de trincheira, de peça de madeira, de máquina ou tubo. No DAurélio e no DCAulete, o substantivo “tê” (além de ser o nome de uma letra do alfabeto) é apresentado apenas como forma abreviada de “régua-tê”. Em Portugal, esse mesmo objeto

recebe o nome de “tripla”, uma abreviação do sintagma “ficha tripla”.

Bem se vê que estou conduzindo estas considerações para a questão que motivou Ieda Maria Alves a organizar o livro *Neologia e Neologismos em diferentes perspectivas*, publicado pela editora Paulistana em 2010. Na Apresentação, a organizadora escreve que “a neologia está intimamente vinculada ao caráter social da linguagem”. Sua afirmação me levou a pensar no caso da tomada tripla que, no Rio de Janeiro, recebe o nome de “benjamim”. O neologismo semântico do “tê” está confirmado pela ausência de citação nas obras lexicográficas mencionadas. Já o de “benjamim”, se procurarmos a data de sua inclusão nos dicionários, veremos que é palavra recente, com menos de 40 anos de “vida oficial” em obra lexicográfica (tudo indica que sua “estreia” ocorreu na edição do Dicionário Aurélio de 1976).

O exemplo da palavra “benjamim” é, portanto, pelo critério do *corpus* de exclusão, um caso de “ex-neologismo semântico”, tendo em vista o fato de esse significado já estar incorporado aos dicionários contemporâneos luso-brasileiros. Sobre a razão de o significado “tipo de extensão para tomadas” ter recebido o significante “benjamim”, nenhum dicionário a revela. Uma interpretação verossímil é a que considera “benjamim” um epônimo, inspirado no nome do cientista norte-americano Benjamin Franklin, cujas pesquisas sobre a eletricidade (em especial a invenção do para-raios) lhe deram grande prestígio.

Os estudos sobre neologia são, como se vê, um fértil campo de investigação. Tem razão Ieda Maria Alves quando afirma que “descrever a unidade lexical neológica implica observar o desenvolvimento social de uma comunidade linguística durante um determinado período”.

O livro por ela organizado reúne treze artigos de renomados autores. Cada um aborda um matiz interessante sobre o trabalho de coleta e análise dos itens lexicais inovadores na forma ou no significado. Maria Teresa Cabré, Giovanni Adamo, Jean-François Sablayrolles, Josefa Gómez de Enterría e Mafalda Antunes e Margarita Correia são os articulistas estrangeiros que participam do livro (três capítulos são escritos em espanhol e um em francês). Os demais colaboradores são colegas de universidades brasileiras (de vários estados): Leila Isabelita de O. Rosa, Bruno Oliveira Maroneze, Maria Aparecida Barbosa, André Valente, Elis de Almeida Cardoso, Aderlande P. Ferraz e Nelly Carvalho.

Por apresentar as diferentes perspectivas de que fala o título, encontramos na obra material relevante para as muitas possibilidades

de abordagem do fenômeno da criação lexical, seja no enfoque histórico, na avaliação dos observatórios sistemáticos de neologia, nas reflexões teóricas sobre o processo de formação de neologismos semânticos, nos vínculos que se podem estabelecer entre os estudos neológicos e a morfologia, a terminologia, a linguagem da mídia, a semântica, o discurso, a estilística e a publicidade.

No âmbito dos estudos lexicais, a importância da pesquisa sobre neologismos e neologia tem se concretizado pela constância desse tema nos trabalhos monográficos, dissertações e teses dos programas de pós-graduação em Letras e Linguística. Outra evidência da expansão dos estudos sobre a criação lexical é sua forte presença no grupo de trabalho da ANPOLL que se dedica às atividades de lexicólogos, lexicógrafos e terminólogos.

Além disso, a boa divulgação dos estudos neológicos tem gerado a publicação de dicionários de neologismos, livros e trabalhos acadêmicos voltados para o tema. Nesse sentido, a coletânea organizada por Ieda Maria Alves se coloca na bibliografia especializada como uma rica opção para ampliar o conhecimento do público interessado no assunto. Vale sua leitura como uma espécie de metáfora para as palavras de Elis Cardoso e de André Valente nos artigos que escreveram para o livro. Cardoso lembra que uma nova palavra, muitas vezes, é utilizada mais com valor estilístico do que com o objetivo apenas de suprir uma lacuna existente no léxico; Valente aponta a premissa de que a variação é inerente às línguas e deve servir como fonte para que o estudo dos neologismos se some às pesquisas sobre variantes diatópicas, diastráticas e diafásicas.

O livro de Ieda Maria Alves nos dá o caminho para no reaproximarmos do tê, do benjamim e da ficha tripla, ajudando-nos a compreender um pouco melhor nossa contínua procura de novos plugues para o sentido.